



Biograph



AUDIBILIDADE E VISIBILIDADE DE IDENTIDADES NEGRAS BRITÂNICAS EM *EVERY LIGHT IN THE HOUSE BURNIN'*, DE ANDREA LEVY

Ana Flávia de Moraes Faria Oliveira (UFMT)
anaflaviamt@gmail.com

Introdução

Wendy Knepper (2012), afirma que a história da família de Andrea Levy é intimamente conectada a um dos eventos que definiram a identidade britânica. O evento é a chegada do navio *S.S Empire Windrush* nas docas de Tilbury em Londres no dia 22 de junho de 1948, com centenas de caribenhos. Foi o marco que deu início à diáspora negra na Grã-Bretanha e à ascensão do que a poetisa jamaicana Louise Bennet (1966) chamou de “colonização em reverso” (*colonization in reverse*). Devido a isso, John McLeod (2000) aponta que, se o Império Britânico mudou a vida das nações colonizadas, foi mudado também o cenário da Grã-Bretanha após esse acontecimento.

Sobre o evento, Laura Izarra (2014) entende que foi um êxodo de homens e mulheres, brancos e negros, que fizeram parte desse momento inicial de harmonia e tolerância, representado pelo anúncio de “Bem-vindos ao lar”, publicado no *Evening Standard*. Entretanto, como bem aponta Izarra, a intolerância foi alimentada em 1958 pelos distúrbios sociais em Londres, em Nottingham/Notting Hill, com a morte do marceneiro Kelso Cochrane, oriundo da ilha de Antígua e, dez anos mais tarde, pelo pronunciamento público do ministro da defesa Enoch Powell, no seu discurso anti-imigração.

Every light in the house burnin' se contextualiza nesse momento histórico, uma vez que se ambienta em Londres, cerca de 20 anos após o início da diáspora caribenha. O romance retrata o cotidiano de uma família de jamaicanos, suas relações interpessoais com a comunidade local e com o sistema de saúde. Resistindo às diferentes formas de exclusão social, marginalização e vitimização, Andrea Levy se apropria de Angela para

expor as verdades contextuais de sua vida e de sua família. A narrativa de caráter semiautobiográfico problematiza a situação de subalternidade de identidades negras britânicas.

Resgatar a narrativa de um povo que teve suas histórias suprimidas, silenciadas ou apagadas tem sido a preocupação de escritores que passaram pela experiência da colonização. Esses escritores criam um espaço narrativo de vozes de natureza dissonante e dissidente, contestando “verdades” e comportamentos estabelecidos pelas culturas dominantes. Esse espaço narrativo pode ser entendido pelo que Homi Bhabha (2013) denomina por pensamento da fronteira, isto é, os discursos que partem da perspectiva do subalterno, das chamadas minorias. Bhabha advoga a necessidade de ir além das narrativas canônicas, produzidas sobretudo por autores do Ocidente europeu. Para Bhabha, é importante focalizar as narrativas dos “entre-lugares”, em outras palavras, as obras produzidas na articulação de diferenças culturais. Bhabha ressalta que as grandes narrativas não dão voz àqueles que se formam em torno de questões de sexualidade, raça, feminismo ou migração.

As narrativas dos “entre-lugares”, como é o caso das obras de Levy, cumprem o dever de questionar os problemas enfrentados pelos grupos minoritários na contemporaneidade e não deixam, sobretudo, a história dos negros cair em esquecimento. *Every light in the house burnin'*, por exemplo, apresenta o tema do exílio interno, revelando as maneiras pelas quais os migrantes e seus filhos muitas vezes têm sido marginalizados na sociedade britânica.

Embora Levy retrate muito de sua experiência pessoal e familiar, a obra se refere a todo um coletivo, já que a exclusão e a marginalização vitimaram toda a população negra migrante. A fim de mostrar a maneira pela qual Levy questiona as questões de subalternidade de identidades negras britânicas, discutimos inicialmente o seu agenciamento no processo de escrita e seu empoderamento por meio da ficção. Realizamos, em seguida, uma breve análise de *Every light in the house burnin'*, revelando como a autora torna o invisível visível e o inaudível audível.

1. “Como eu parei de odiar minha geração”: Levy e seu agenciamento de escrita e empoderamento

Em uma entrevista ao *The guardian*, Andrea Levy conta que seu pai foi um dos passageiros do navio *Empire Windrush* que atracou em Tilbury em junho de 1948. Levy afirma que seu pai e os demais imigrantes não faziam ideia de que eles estavam produzindo história naquela época. Segundo ela, esses imigrantes pioneiros viajaram para a Inglaterra como cidadãos britânicos, com passaportes britânicos e, por isso, eles pensaram que seriam tratados como tal. Contudo, Levy afirma que eles enfrentaram grande hostilidade por causa da cor da pele.

Levy revela que, na Jamaica, seu pai era um assistente de contabilidade e sua mãe, professora. Ambos cresceram em grandes casas com empregados e por isso eram classe média. Enquanto seu pai foi trabalhar no serviço de correio de Londres, sua mãe foi tolhida de lecionar devido sua formação docente na Jamaica. Na “pátria lendária” (Inglaterra), da qual eles tanto aprenderam nas escolas da Jamaica, seus pais eram pobres, da classe operária. A escritora conta que sua família tinha o tom de pele claro e isso causou grande efeito na educação de seus pais, porque o sistema de classe, herdado dos tempos coloniais, levava a questão da cor da pele muito a sério. Nesse sentido, ela relata que seus pais foram levados a acreditar que eram de uma classe mais elevada do que qualquer outra pessoa com a pele mais escura. Na Inglaterra, eles se isolavam dos outros imigrantes caribenhos por acreditar nessa suposta superioridade. Todavia, Levy ressalta que, com pele clara ou não, perguntas como: “quando você vai voltar para seu país? Por que você está aqui? Por que a sua comida é tão engraçada? Por que seu cabelo fica para cima? Por que você cheira?” (LEVY, 2014)¹ eram frequentemente feitas a sua família.

Homi Bhabha (2013), com seu conceito de hibridismo cultural, nos afirma que a convivência entre culturas diferentes é tensa e conflituosa. A tensa relação entre os ingleses e os caribenhos, marcada pelo racismo é perceptível na afirmação em que Levy declara que “o racismo que encontramos foi raramente violento ou extremo, mas era insidioso e sempre presente, e isso teve um efeito profundo em mim. Eu me odiava. Eu tinha vergonha da minha família, sentia-me envergonhada porque eles vieram do Caribe” (LEVY, 2014).²

¹ “When are you going back to your own country?” “Why are you here?” “Why is your food so funny?” “Why does your hair stick up?” “Why do you smell?”

² The racism I encountered was rarely violent, or extreme, but it was insidious and ever present, and it had a profound effect on me. I hated myself. I was ashamed of my family, and embarrassed that they came from the Caribbean (LEVY, 2014).

Foi na universidade que Levy teve contato com a classe média britânica pela primeira vez e, para ela, manter segredo sobre sua origem era primordial. Graduou-se em Design Têxtil, mas não se identificou com a profissão, acabando por exercer outros ofícios. E foi exatamente em exercício de outra atividade que algo aconteceu, mudando a vida de Levy para sempre:

Eu estava trabalhando meio período para um projeto de educação sexual para jovens em Islington. Um dia, todos os funcionários tiveram que participar de um curso de sensibilização contra o racismo. Fomos convidados a nos dividir em dois grupos, de negros e brancos. Fui até o lado branco da sala. Foi, ironicamente, onde me senti mais em casa - todos os meus amigos, meu namorado, meus colegas de apartamento eram brancos. Mas os meus colegas de trabalho tinham outras ideias sobre mim e eu me vi sendo sinalizada a ocupar o lado das pessoas negras. Com alguma hesitação, atravessei. Foi um despertar rude. Esse acontecimento enviou-me para a cama por uma semana (LEVY, 2014).³

Provavelmente foi o fato de não saber como ser negro ou pouco saber sobre sua origem, conhecimento que era negado pelos pais, que deixou Levy desconfortável em ocupar o lado das pessoas negras. Ela pensava que, para ser “negro”, era necessária qualificação para isso, como crescer numa comunidade negra, ou os pais deveriam ter orgulho de ser negros ou os amigos deveriam ser negros também. Coisas que estavam bem longe de sua realidade. Nesse sentido, ela afirma que tentar ser negra soaria como uma atitude impostora.

Levy sabia que ela não fazia parte da experiência negra britânica, mas aquele acontecimento foi um momento de mudança. Ela relata que, felizmente havia feito recentemente um curso de escrita apenas por *hobby* e que escrever foi o que a resgatou de sua crise identitária. Levy explica que o curso dava ênfase à escrita de conhecimentos prévios sobre um determinado assunto. Apreensivamente, Levy começa a explorar sobre a história da família, sobre seus problemas com a cor. Ela afirma que pensar sobre o que ela sabia e explorar o passado com palavras logo a fez perceber que ter nascido e sido criada na Inglaterra era parte da experiência de ser negro que ela

³ I was working part-time for a sex education project for young people in Islington. One day all the staff had to take part in a racism awareness course. We were asked to split into two groups, black and white. I walked over to the white side of the room. It was, ironically, where I felt most at home – all my friends, my boyfriend, my flatmates, were white. But my fellow workers had other ideas and I found myself being beckoned over by people on the black side. With some hesitation I crossed the floor. It was a rude awakening. It sent me to bed for a week (LEVY, 2014).

pensava não conhecer. Ela explica que todas as agonias sobre a questão da cor; a vergonha; todos os silêncios sobre sua origem; a negação da identidade afro eram a experiência de ser um negro britânico. Para Levy, ser negro em um país majoritariamente branco vem com uma “miríade de complicações e contradições”, sendo a experiência de escrever que a ajudou a entender essas questões.

No exercício de sua atividade de escrita, Levy sente-se na necessidade de visitar a Jamaica, terra de seus pais e, assim, poder conhecer mais sobre a história de sua ancestralidade. Levy descreve que teve boas experiências ao conhecer sua família, os lugares onde seus pais cresceram. Nessa jornada, a autora pôde enxergar, pela primeira vez, que possuía uma história e uma ancestralidade fascinantes que valiam a pena explorar e, desde então, é o que tem feito por meio da escrita.

Andrea Levy entende o quanto a história afro-caribenha é desconhecida pelos jovens descendentes de afro-caribenhos e muitos deles não sabem de sua ancestralidade e, assim como ela, têm poucas evidências do valor desse conhecimento. Ademais, continua Levy, são poucos os britânicos brancos que têm consciência das histórias que ligam o Caribe com a Grã-Bretanha. A respeito da ancestralidade do povo caribenho Levy (2010) revela, também em uma entrevista ao *The guardian*, como resgata esse passado que é comumente apagado e silenciado:

“Eu sei que meus antepassados eram escravos, mas o que eles fizeram? Como eles vivem? Como é que eles conseguem sobreviver? Sabemos muito pouco e muito pouco o que sabemos vem deles. A única maneira que você pode ir mais longe é através da ficção” (LEVY, 2010).⁴

Os romances de Andrea Levy são caracterizados pela busca da visibilidade e audibilidade das identidades negras britânicas. Em todos seus romances, ela procura retratar a experiência negra britânica. Charlotte Beyer (2012) entende que seu compromisso com a escrita é um ato político devido à afirmação na qual Levy diz:

Para mim o ponto de partida de escrever livros tem sido sempre sobre o desejo de tornar visível o invisível, querendo mostrar a experiência da geração dos meus pais e as crianças que vieram depois, ter que

⁴ “I know my ancestors were slaves, but what did they do? How did they live? How did they manage to survive it? We know so little and very little of what we do know comes from them. The only way you can go any further is through fiction” (LEVY, 2010).

viver neste país, um ambiente muito hostil, e como [eles] lidam com isso. (BEYER, 2012, p. 107).

Wendy Knepper (2012), ao analisar uma entrevista de Levy ao *The Guardian*, nos informa que Lisa Allardice observa que a consciência política de Levy floresceu aos seus 20 anos de idade, levando-a em direção à literatura. Levy estava faminta por livros, lia vorazmente autoras afro-americanas como Maya Angelou, Toni Morrison e Alice Walker. Procurou em vão por escritoras equivalentes britânicas e, desde então, começou a escrever sua própria história.

De acordo com Knepper, a experiência de infância e adolescência de Andrea Levy foi marcada por tensões raciais e a ascensão do multiculturalismo na Grã-Bretanha. Knepper afirma que, diretamente e indiretamente, o trabalho de Levy reflete as esperanças e ansiedades associadas a esse período de transição. Knepper ressalta que, na época em que Andrea Levy inicia seus trabalhos de escrita, já havia uma gama de escritores afro-caribenhos bastante conhecidos e, apesar de autores como Sam Selvon, George Lamming, VS Naipaul, Caryl Phillips, Joan Riley e poetas performáticos como Linton Kwesi Johnson, Jean Breeze “Binta” e Benjamin Zephaniah retratarem a experiência caribenha na Inglaterra, Levy voltou-se para a escrita feminista por perceber que era uma lacuna na literatura afro-caribenho-britânica até então.

Desde a década de 1990, Andrea Levy publicou cinco romances: *Every light in the house Burnin’* (1994), *Never far from nowhere* (1996), *Fruit of the lemon* (1999), *Small island* (2004) e *The long song* (2010) e, em todos eles, sempre procurou retratar as relações conflitantes entre o Império Britânico e a Jamaica. Pretendemos mostrar na análise que se segue a preocupação de Levy em posicionar os holofotes nas identidades negras britânicas.

2. Visibilidade e audibilidade de identidades negras britânicas

A história de *Every light in the house burnin’* é contada a partir da perspectiva de Angela, protagonista do romance. A narrativa mostra cerca de duas décadas após a imigração em massa dos caribenhos ao centro metropolitano, Londres. Angela narra o processo de envelhecimento de seu pai, um dos imigrantes caribenhos pioneiros na Inglaterra e as dificuldades que ele teve com o sistema de saúde local. Além dessa representação, a personagem fala, por meio de *flashbacks*, sobre seu passado, durante a

infância, mostrando como foi complexa a experiência de ser uma criança afrodescendente filha de imigrantes, morando em uma região de Londres em que a maioria da população era branca.

Stuart Hall (2003) afirma que a condição de subalterno dos imigrantes caribenhos na Grã-Bretanha e seus descendentes é um assunto que escritores afro-britânicos primam em retratar. Knepper entende que essas temáticas são recorrentes nas obras desses autores porque a vida e a escrita de escritores afro-britânicos foram moldadas por histórias de migração. Levy torna ficcional a sua história e a de sua família a fim de trazê-las à tona. O esforço de Levy em tomar a ficção para dar visibilidade e audibilidade a histórias individuais e coletivas dos afro-caribenhos.

Em sua análise de *Every light in the house burnin'*, Charlotte Beyer (2012) entende que a narrativa coloca a narradora na posição de mediadora entre os personagens britânicos velhos e negros e a sociedade londrina, fazendo um *link*, conectando gerações na história e em tempo real. Nesse sentido, Beyer afirma que Angela faz o papel de filha-mediadora e torna-se uma figura significativa que garante a continuação da intergeração. Beyer ainda ressalta que o papel de filha-mediadora que coube à personagem representa a evolução das identidades negras britânicas e o sucesso de negociação entre diferentes culturas.

A fim de entendermos esse agenciamento e intermediação sobre os quais Beyer argumenta, vejamos os seguintes exemplos:

“‘Posso ir falar com ele (doutor)?’ Eu sugeri”
“‘Posso ir se você quiser,’ eu ofereci.”
“‘Pai, você gostaria que eu fosse ver o doutor para você? Ver se eu consigo algumas pílulas mais fortes para a dor?’” (LEVY, 2004, p. 87).⁵

“‘Você pode fazer isso?’ Ele perguntou”
“‘Sim,’ eu disse com desconfortável confiança.”
“‘Bem, então sim, Anne’ Ele deu um sorriso trêmulo. ‘Você fala com ele (doutor). Sim, você vai – você sabe como falar com ele – sabe o que dizer’” (LEVY, 2004, pp. 87-88).⁶

⁵ “Shal I go and talk to him?” I suggested.

“Well, I go if you like,” I offered.

“Dad – would you like me to see the doctor for you? See if I can get some stronger pills for the pain?”

⁶ “Can you do that?” he asked.

“Yes,” I said said with uneasy confidence.

“Well, yes then, Anne.” He gave a flicker of a smile. “You can talk to him, you go – you know how to talk to him – you know what to say.”

O senhor Winston Jacobs, pai de Angela, começa a mancar dois dias antes de sua aposentadoria. Esse fato traz um certo desconforto para família, já que o estado de saúde foi se agravando rapidamente. O senhor Jacobs parou de fumar devido à enfermidade que atingiu o pulmão, e isso fez com que ele ganhasse peso em um curto período de tempo. Com a obesidade, locomover-se passou a ser uma atividade complicada, chegando ao ponto de ter que usar uma bengala para isso. Essa mobilização se tornou ainda mais impossível depois que o lado esquerdo de seu corpo ficou paralisado repentinamente, com isso “seus movimentos foram ficando mais lentos” (LEVY, 2004, p. 85).⁷ Após alguns exames com um especialista constatou-se câncer no cérebro e nos pulmões.

No primeiro exemplo, Angela comenta com a mãe a possibilidade de intermediar a situação, ao ver que seu pai, diagnosticado com câncer na cabeça e nos pulmões, tomava em vão Paracetamol para aliviar as dores. A reação positiva da mãe fez com que Angela se encorajasse a falar na possibilidade de intermediar o problema com o pai. A ideia é bem aceita pelo pai, que vê na filha condições de enfrentar essa luta. A afirmação “você sabe o que dizer” deixa evidente que ele deposita esperanças na filha para conseguir um melhor tratamento, que lhe oferecesse melhores condições de atendimento e cuidado.

Sobre o consentimento do pai em ter sua situação intermediada pela filha, Beyer afirma que o Sr. Jacobs presume maior capacidade da filha em traduzir suas necessidades através das barreiras culturais e raciais e ilustra a inversão de papéis entre pai e filha, com a última assumindo o controle linguístico e a autoridade social.

Sua postura em assumir a causa e confrontar a situação fica clara na seguinte afirmação:

Eu conhecia essa sociedade melhor do que meus pais. A estratégia deles (pais) era manter o máximo de silêncio na esperança de que ninguém soubesse que eles se enfiaram nesse país. Eles não queriam ser incomodados de nenhuma maneira. Mas eu havia crescido em suas maneiras inglesas. Eu poderia confrontá-los, fazer críticas, lutar contra isso porque era meu - um direito de nascimento (LEVY, 2004, p. 88).⁸

⁷ His movements were getting slower

⁸ I knew this society better than my parentes. My parents' strategy was to keep as quiet as possible in the hope that no one would know that they had sneaked into this country. They wanted to be no bother at all.

Nessa negociação de conduta e comportamento do sistema de saúde, florescem as tensões entre essas diferentes culturas. E é exatamente meio a esse embate nas relações com o sistema de saúde que os hibridismos aparecem, pois notamos que a convivência entre as diferenças longe de serem harmoniosas, são marcadas por constantes conflitos. É em meio a esse ambiente conturbado, denominado por Bhabha de terceiro espaço que os sujeitos marginalizados e subalternizados vão desenvolver estratégias de resistência e, conseqüentemente, de empoderamento.

A narrativa nos faz ter uma leitura de que o racismo aparecia de maneira escamoteada no sistema burocrático de saúde. A Angela coube a tarefa de interpelar a sociedade britânica, questionando a posição de subalternos que o sistema de saúde impunha à sua família. Sua identidade geográfica lhe dava essa prerrogativa. Sua resistência à marginalização e vitimização é visivelmente notada no seu agenciamento nas constantes negociações que a personagem estabelece para a aquisição de um tratamento de saúde, em um sistema de saúde burocrático e, aparentemente, seletivo, sobretudo com os imigrantes caribenhos.

A personagem se prepara para o desafio que lhe espera, buscando os direitos e garantias que seu pai deveria ter. Em sua conversa com o doutor, o primeiro pedido de Angela se referia a um medicamento que pudesse aliviar mais a dor do pai. Mas a personagem se vê “refém do seu grande conhecimento” (LEVY, 2004, p. 91, tradução nossa).⁹ Ela, então, estabelece uma negociação da situação: “eu queria saber se meu pai poderia ser internado no St Joseph’s Hospice (hospital para doenças terminais)”; ‘eu estava pensando se minha mãe poderia ter uma ajuda com meu pai por parte da assistência de enfermagem domiciliar’” (LEVY, 2004, pp. 91-92, tradução nossa).¹⁰

Embora todos esses pedidos fossem analisados com descaso e indiferença pelo doutor, nota-se que a personagem insiste em ter uma atenção maior para com o estado de saúde do pai, e isso fica claro no momento em que, mesmo tendo limitados conhecimentos na área da medicina, ela não se hesita em afirmar: “mas, com certeza

But I had grown up in its English ways. I could confront it, rail against it, fight it, because it was mine - a birthright.

⁹ I was hostage of his great knowledge

¹⁰ “ I wanted to aske wether my father could be booked into St Joseph’s Hospice; I was wondering about wether my mother could have a district nurse come to help mwith my father.”

existe alguma coisa mais forte que Paracetamol. Eu poderia ter dado isso a ele,' eu persisti" (LEVY, 2004, p. 91, tradução nossa).¹¹

Angela descreve que o estado de saúde do pai se agrava com muita velocidade e que as muitas dores fizeram com que ele tentasse tirar a própria vida, escrevendo, inclusive "um bilhete de suicídio" (LEVY, 2004, p. 178, tradução nossa).¹² A personagem mostra ao leitor que era evidente a insensibilidade com que os profissionais da saúde - médicos e enfermeiros dos hospitais e serviços domiciliares - tratavam seu pai. Mesmo tendo conseguido visitas – não sistemáticas - da assistência de enfermagem domiciliar e algumas internações em hospitais, Angela revela a uma amiga que "ele [seu pai] estava com muita dor e ninguém parecia se importar com isso" (LEVY, 2004, p. 193, tradução nossa),¹³ com exceção dela e sua mãe.

Sobre o grave estado do senhor Jacobs, Beyer afirma que "a perda da mobilidade física, junto com a perda simbólica do *status* tipicamente associado com a aposentadoria, têm um impacto devastador no senso de utilidade e masculinidade do pai de Angela. No pedido do senhor Jacobs, "fale para eles que eu não quero ter alta antes que tudo esteja bem" (LEVY, 2012, p. 151, tradução nossa)¹⁴, está confirmada a sua sensação de impotência, de perda de autoridade e de vontade própria. Enquanto Levy representa, por meio dessa imobilização do personagem, o sistema opressor a que essa geração é submetida, ela dá mobilidade a Angela no enfretamento dessas opressões. Em meio a um processo de envelhecimento e mobilidade, vislumbramos o invisível tornando-se visível e o inaudível tornando-se audível.

Em sua análise da obra, na qual enfatiza o processo de envelhecimento, Beyer entende que o tema da "luz" (light) e referências para a (in)visibilidade é apresentado logo no título do romance. *Every light in the house burnin'* faz referências ao tema da luz e visibilidade como um aspecto de representação da experiência de marginalização das identidades negras britânicas. Portanto, fica evidente que Levy reúne esforços para tonar o invisível ou apagado visível, trazendo para o título da obra a palavra "luz". Nesse sentido, Levy, se apropria da personagem com o objetivo de trazer luz, isto é, dar

¹¹ "But surely there is something stronger than Paracetamol. I could have given that," I persisted.

¹² A suicide note

¹³ "He's in a lot of pain and no one seems to care – well, no one except us"

¹⁴ "Tell them I don't want to go before everything's all right"

visibilidade a essas identidades. Levy consegue desestabilizar a invisibilidade dessas identidades, conforme retrata Angela recusando a vitimização de uma geração.

A audibilidade que Levy consegue proporcionar aos personagens não se limita à protagonista Angela. A autora consegue também viabilizar a audibilidade ao Sr. Jacobs, um personagem em estágio terminal. Vejamos os seguintes exemplos:

De repente, meu pai puxou a máscara do seu rosto e soltou um rugido, um rugido com força e poder que pôs medo em mim. Fiquei assustada e chocada que um som como aquele poderia sair de um homem à beira da morte (LEVY, 2004, p. 240, tradução nossa).¹⁵

Conforme olhei ao redor, senti todos os olhos sobre mim. Na nossa pequena tenda você poderia acreditar que estávamos sozinhos. Mas do outro lado, você se dava conta de que todos sabiam, que todos podiam nos ouvir, que todo mundo conseguia ver nosso sofrimento (LEVY, 2004, p. 242, tradução nossa).¹⁶

No primeiro exemplo, o excerto se refere ao momento em que o Sr. Jacobs, com muita dor, que vai além da dor física, externa sua resistência e solta seu grito de revolta. As condições desumanas de tratamento, às quais foi submetido são refletidas nos gemidos de dores física, mas também de dor da humilhação pela situação. No segundo exemplo, a questão da visibilidade fica mais evidente, já que o espaço em que o Sr. Jacobs estava alojado se resumia a uma simples tenda, que mesmo que tentasse esconder a presença física, não podia esconder o sofrimento pelo qual ele e sua família estavam passando.

Levy rejeita a vitimização porque retrata o Sr. Jacobs, mesmo na ânsia da morte, fazendo seu maior protesto. Nossa afirmação pode ser confirmada no seguinte trecho:

Quando ouvi ele [pai] gritando, comecei a ficar brava com ele. [...] Não poderia ele morrer graciosamente, com dignidade? Sendo levado silenciosamente da vida com um sorriso gentil e dizendo seu último pedido? [...] Não, ele tinha que morrer lutando e gritando. [...] O grito mais alto que ele já deu em toda sua vida. O maior protesto. (LEVY, 2004, p. 243)¹⁷

¹⁵ Suddelly my dad pulled at the mask on his face and let out a roar, a roar with power and force that put fear into me. I was startled and shocked that such a sound could come from a dying man.

¹⁶ As I looked up I felt everyone's eyes on me. In our little tent you could believe you were alone. But on the other side you realized how everyone knew, everyone could hear, everyone could see our misery.

¹⁷ I could hear my dad crying out, horrible, moaning sobs... I began to get angry with him. Why couldn't he die gracefully, with dignity? Fading silently from life with a gentle smile and a touching last request.

Sobre esse episódio, Beyer entende que o pai de Angela resiste em desaparecer silenciosamente, insistindo, assim, em seu direito de ser ouvido. Portanto, o excerto externa um ato de resistência e um protesto pelo tratamento desumano que receberam esses imigrantes pioneiros na Inglaterra, rejeitando, assim, o silenciamento das identidades negras britânicas.

Considerações finais

A narrativa semiautobiográfica de Levy proporciona audibilidade e visibilidade às identidades negras britânicas e, por meio de nossa análise, pudemos enxergar o agenciamento e empoderamento da autora na sua experiência de mediadora entre as barreiras culturais e raciais. A análise procurou enfatizar a experiência individual e familiar de Levy na luta pelo tratamento da doença do Sr. Jacobs, mostrando que esses empecilhos enfrentados pela família não se deram pelo fato de a doença ser incurável, mas porque se tratava de imigrantes, sobretudo afrodescendentes. *Every light in the house burnin'* perpassa a experiência individual da escritora, já que representa as identidades negras britânicas que passaram ou que foram influenciadas pela experiência da diáspora, oferecendo a elas um espaço de resistência, em que o marginal e o subalterno podem contar sua própria história.

Referências

- BEYER, Charlotte. Representations of ageing and black British identity in Andrea Levy's *Every light in the house burnin'* and Joan Riley's *Waiting in the twilight*. **Entertext** – Especial issue on Andrea Levy (on line), issue 9, p. 105-21, 2012.
- KNEPPER, W. (guess editor).
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013 [1994].
- _____. **The third space**. In: RUTHERFORD, J. (ed). *Identity community, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990, pp. 207-221.

[...] No, he had to die kicking and screaming, being pulled from life, being robbed. The loudest noise he had ever made in his life... The first rail against injustice. The biggest protest.

ELLIS, Alicia. E. Identity as cultural production in Andrea Levy's Small island. **Entertext** – Especial issue on Andrea Levy (on line), issue 9, 2012. KNEPPER, W. (guess editor).

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2003.

IZARRA, Laura. P. Z. **Alteridade na literature das diásporas no espaço geográfico do Reino Unido**. Scripta, UNIANDRADE, v. 11, p. 9-23, 2013.

KNEPPER, Wendy. Andrea Levy's dislocating narratives. **Entertext** – Especial issue on Andrea Levy (on line), issue 9, p. 1-13, 2012. KNEPPER, W. (gues editor).

LEVY, Andrea. **Every light in the house burnin'**. Great Britain: Review, 2004 [1994].

LEVY, Andrea. **How I learned to stop hating my heritage**. In: The guardian (on line), November, 2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/nov/03/how-i-learned-stop-hating-heritage>. Acesso: abril/2016.

LEVY, Andrea. **This is my England**. In: The guardian (on line), February, 2000. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2000/feb/19/society1>. Acesso: abril/2016.

MCLEOD, John. **Beginning postcolonialism**. Manchester; New York: Manchester University Press, 2000.

YOUNG, Gary. **"I started to realise what fiction could be. And I though, wow! You can take the world"**. Interview in: The guardian (on line), January, 2010. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2010/jan/30/andrea-levy-long-song-interview>. Acesso: abril/2016.